



*A Trombeta escutai dos Luzitanos;
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!*

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Nada ha mais facil para destruir huma illuzão que remontar á origem que lhe deu o ser, e apresentala tal e qual aos olhos do vulgo. O celebre = *Dialogo das Estatuas* = apanhado a *Rodriogo da Fonseca Magalhães*, em a noute das prizões da *Rua Formosa*, he sem duvida a prova mais irrecuzavel que evidencêa a má fé, e a impustura do *Censor*, e de seus amos.

Ei-lo ahi vai da mesma forma que se extrahio dos Autos:

AS ESTATUAS FALLANDO.

Nestas altas questões nestas disputas
As Estatuas se animão sabem das grutas
O Expectador das Estatuas.

Não te rias *Leitor*, nem imagines que o prezente *Dialogo* que exponho a teus olhos, seja huma mera ficção para entreter a idéa, ou recrear o coração. He huma verdade de facto, que se o jardim das *Necessidades* falasse te poderia plenamente provar, produzindo por testemunhas em primeiro lugar a bella bacia de agoa que tem no meio, com seus habitadores os pechinhos vermelhos, as murtas, as flores, e até o mesmo jardineiro que ficou embasbacado! O caso he este meu *Leitor*.

Huma das noutes passadas, sem duvida a mais bella da estação, passando por a calçada das *Necessidades* veio lisonjear o meu olfato o suavissima cheiro das

flores do jardim; era meia noute em ponto: hum brando e doce refiro começava a purificar os ares, e a lua hia-se escuando pelo Occidente. Parei; e contemplando a amenidade da noute, e a formuzura dos arvoredos da quinta de que amavel abitação gozão estes Padres? dizia eu, comigo mesmo. Ah! se eu podêra gozar ali dentro duas horas ao menos desta bella noute!...

Nestes pensamentos estava quando o armonioso canto de hum rouxinol, lá para os confins da quinta, me atrahê com o poder do iman, e me faz saltar o muro, para ir ouvir de perto: Entro; tudo respirava socego; não havia cães; o jardineiro dormia a sono solto; os bons Padres tambem dormião, e só o rouxinol velava para celebrar em armoniozas canções o creador dos astros, e a amenidade da noute. Que delicias! Que entantos! dizia eu, e caminhando a brandos passos desço as escadas do jardim, e me vou assentar debaixo de uma das pequeninas *Cazas* de texo que o adornão: seria passado hum quarto de hora, quando uma vós toda mariosa sóa de um dos ludos do Jardim, e profere estas palavras: Animai-vos Irmãos, fallai sem susto!! Estremeço!.. e olhando por entre os ramos do texo, ó maravilha!! Vejo as Estatuas que cercão o jardim, debaixo de diferentes emblemas, salirem das suas pequenas grutas, e caminharem todas, a magestozos passos para o tanque. Outro que não fosse eu ficaria alli mirrado de pavor! Com tudo, benzime trez vezes, e entregando-me

nas mãos da Providencia applico o ouvido, e começo a ouvir fallar as Estatuas, que assentadas em volta do tanque discorrerão assim:

LOCUTORAS.

A Religião
A Justiça
A Verdade

A Riqueza
A Indigencia
A Sabedoria

N. B. As demais Estatuas não fallarão; e somente aprovavão o que ouvião, e tão indiscretamente que estavão em continua contradição! A que primeira tomou a palavra foi:

A Sabedoria: O' vós, irmãos minhas que neste agradável recinto ouvis todos os dias, nessa proxima sala, meus luminosos dictames pelas bocas de cem Varões que eu inspiro, exultai exultai! abençoai a minha obra, e vede como o imperio Luzitano surgindo triunfante das suas cinzas, prospera e brilha entre as nações do Globo!....

A Indigencia: Eu que o diga!... Irmãos, desculpai estas Lagrimas!... bem quizera fallar.... mas....

A Verdade: Falla, amiga, mas não me offendas; vê que somos immortaes; não temas os homens, teme os Deozes: prosegue.

A Indigencia: Podeis, irmãos, por estas descarnadas e macilentas faces, por estes miseraveis farrapos, que apenas occultão escaçamente o que o pudor exige, conhecer o miseravel estado a que me vejo reduzida!.... Meus filhos!... ai de mim, não tenho que lhes dar a comer!.. o pouco de que se alimentavão lhes tem sido impiamente roubado por o monstro devorador das cem unhas!....

A Grandeza: Fementida, podés tu queixar-te no meio da profusão, da abundancia, e da magnificencia que eu tenho derramado pela mão das Cortes! Ainda te não poderão matar a fome a riquissima extincção das Coutadas, das Ordenanças, das Candelarias, dos Direitos banaes, da Inquizição, e de outros tantos thezouros com que tenho brindado todo este povo?..

A Indigencia: Basta: não digas mais, que já estou impando de farta. Agora me lembro de que já posso matar a fome hindo á caça pelas coutadas alheias....

A Justiça: De vagar, amiga, que isso ainda eu não permiti....

A Verdade: Que dizes, ó Justiça? Pois não foi esse o primeiro e brilhantissi-

mo Acto com que as Cortes Representarão a Soberania, e enriquecerão o Povo Portuguez? Não as ouvistes tu uma manhã decreta-lo em teu nome?

A Justiça: Não me lembro: seria talvez em uma das muitas vezes que aqui me não tenho achado.

A Sabedoria: Ora pois: não faças tantas auzencias, que a tua presença é muito necessaria aqui, até ás duas da tarde; que fazes tu sempre lá por fora?

A Justiça: Tenho andado a procurar habitação, por que esta já me não serve. Ha mais de hum anno que passo aqui dias de amargura e de oppressão; digo dias, por que so as noutes sinto alivio. Amanham será o ultimo... *A ordem á ordem, gritarão todas as Estatuas, até mesmo as mudas!*

A Sabedoria: Que auctoridade tendes vós de chamar á ordem esta nossa Irmã? Chamar á ordem, e mandar que se calle; e podeis vós faze-lo? He callada que ella hade manifestar a sua opinião? Deixai-a fallar que he o lenetivo de quem sofre; e desterre-se dentre nós esta balburdia. *Apoiada apoiada, gritarão todas.* Senão fosse esta odioza maxima, talvez, que esta nossa irmã a illustre preopinanta, não tivesse tanto de que se queixar, nem feito tantas fugas.

A Religião: Tendes, ó carissima Irmã e illustrissima preopinanta, fallado como quem sois; nem melhor o executarião esses ministros dos meus altares, que cheios de teus divinos influxos já te excedem, e se esforção por me ellevar a um gráo sublime de perfeição, chegando a ponto, ó maravilha! de augmentarem as minhas riquezas, de honrarem os meus grandes Sacerdotes, e até de ornarem os meus templos com toda a pompa e magestade, de que é susceptivel a engenhozza invenção desse famozo Gabor, esmalte dos armadores! Que onrados ministros eu tenho! ó minhas irmãos, não os ouvis vós ahi dentro, inculcando e defendendo as minhas sanctas maximas?... Virão-se já ministros mais dignos das minhas áras?... Que tempos!... Que virtudes!...

A Sabedoria: Rende-me as graças, que he tudo obra minha, sou eu que inspiro aquellas cabeças!... Não ouvis vós aquelle benemerito, com voz de rebecão grande, apregoar virtudes civicas, e afrontar *subvenites*?... Não ouvis vós aquelle corifeu dos Juristas, que, que, que só expende idéas puras, e com com combate as erroneas?... E que me dizeis vós áquelle inventor das sanefas, e dos caixões de veludo preto!... Aquillo sim, aquillo he que he ca-

beça!... é filho de Pai que tanto arma como desarma!... Que talentasso!... Vede, vede como o Comercio, e a Industria se prostrão a seus pés, e implorão a sua sapientissima protecção!... Ah ditoza gente!... afortunada geração!... Que homens te dei!... Não para aqui, ide, ide lá por fora, e vereis como eu fulguro por esses gabinetes ministeriaes! dize-o tu ó Justiça, que por lá costumás andar...

A Justiça: Eu?... nunca lá entrei, nem mesmo sei aonde morão!...

A Sabedoria: Que dizes Irmã? Pois não he por tua e minha influencia, que prosperão os Carvalhos, os Pinheiros, e tantos outros?... Vio nunca o mundo tanta transcendencia de espirito, tantas virtudes reunidas?... A par disto que são os Sulis, os Richelieux, os Mazarini, os Pitts, e os Pombaes!... Não vedes vós as suas obras?... as uteis instituições que tem creado?... os impulsos que tem dado ao Comercio!... ás artes!... e á industria!... Não vedes como dão de comer ao faminto, e como protegem o rico?... Não vedes esta sapientissima escolha de genios sublimes que mandarão por essas Cortes da Europa representar o feliz Povo Portuguez?... Quem pode duvidar da alta prespicacia dos Olliveiras, dos Chaves, dos Fernandes, e dos Fetaes!...

A Justiça: *Enas ruas perdidos tantos corpos
De fedorentos caens e gaios mortos!...*

Aqui derão uma grande gargalhada todas as Estatuas; e eu rindo-me tambem muito baixinho fiquei passado de ver que as Estatuas fazião versos! e que tanto a proposito os applicavão!...

A Sabedoria: Irmã agora conheço que estás muito scandalizada; dize as tuas mágoas, que eu quero minoralas.

A Justiça: São inuteis, amiga, teus bons desejos. Não cabe no curto espaço desta noute o longo relatorio do que teinho soffrido; basta só dizer-te que o meu nome tem servido de capa a quantas insolências, e patifarias se tem visto no mundo!... não posso mais!... *apoiada, apoiada, apoiada!*

A Religião: Confor-ma-te carissima Irmã, tem paciencia, imita-me, que sabe Deos tambem o que por cá vai!..

A Verdade: Eu conheço tudo isso, Irmã; e a pesar do sordido véo com que se tem pertendido vendiar-me, tudo vejo, tudo sei, e tudo lamento!!... Mas que tremão demim!...

A Indigencia: Tremar de ti?... quem elles?... mofão escarnecem do teu poder,

porque não é divisivel; e não osendo pertendias tu brilhar no tempo da divizão dos poderes? Este, amiga, é o imperio das divizões, que teve a sua origem no Porto, onde logo se dividio não sei o que... dinheiro... Inglaterra... todos sabem... ai! minha pobre cabeça!... já nem posso ligar asideas! tal é o estado a que me tem reduzido a fome!... dai-me de comer senão morro!!...

A Grandeza: Miseravel! que sempre te queixes! que sempre me injuries! Não tenho eu franqueado os meus cofres ali dentro para te acudirem ás necessidadas?...

A Indigencia: Ainda não vi nada, tudo lá se consome!... ai de mim!... as necessidades são o verdugo do pobre, o desprezo do rico, o flagelo da virtude, e o assassino da honra!

A Religião: E o meu oprobrio!!... Só tu, Irmã Justiça, é que nos poderias livrar de taes necessidades uzando de tua fulminante espada! mas tu só sabes carpir-te!...

A Justiça: Tempo virá, e talvez não tarde, que assim o cumpra!... Se tu me ajudasses ó Riqueza...

A Riqueza: Eu filha, a fallar-te a verdade já não tenho nada; tudo me tem consumido uns poucos de mandriões, que tiverão a arte de me me embaçar! e que andão hoje por ahí á minha custa engolfados n'uma vida dissoluta, e escandalosa!... em quanto eu, que não conhecia as necessidades, as conheço já de sobejo, porque me vão pondo na espinha!...

A Sabedoria: Mas tu ainda tens grandes recursos; tens o riquissimo Doiro, tens o prodigioso augmento do mais bello metal que organiza o teu todo; tens os bens da fradaria, e do cléro; e sobre tudo tens o rico e vasto Brazil!...

A Riqueza: Não escarneças, amiga! Quando me devido em pequeninas porções desse metal em que fallas, para satisfazer aos meus deveres, ando de rua em rua e ninguem mas quer accitar; apenas algum usurario rebatedor me oferece a quarta parte do valor que representão!! E em quanto ao mais, a Verdade melhor do que eu te pode informar.

A Sabedoria: Que dizes, que dizes a isto amiga?

A Verdade: A illustrissima preopinanta tem dito o que eu custumo inspirar. Mas dize-me em primeiro lugar, ó Sabedoria, tens tu sempre rezidido aqui?

A Sabedoria: De dia he verdade que não; mas para encubrir a minha falta costume pôr aqui um espantalho, com o qual

iludindo os ignorantes me estou rindo lá de longe dos cultos que lhe rendem, julgando ser eu mesma.

A Verdade: Eis-ahi porque tu das taes conselhos á Riqueza! eis-ahi por que tu fallas em Doiro, e em Brazil! Mal sabes o estado em que isso está! O Doiro, depois de ter sido muito rico, e muito farto, está hoje morrendo com necessidades, e a miseranda victima das necessidades! e só extinguindo-se estas necessidades, é que elle pode tomar novo vigor e ver florecer as suas vinhas. O Brazil, é verdade que não conhece as necessidades que atormentão o Doiro; mas o horrivel influxo destas mesmas necessidades, atravessando os mares, o trazem lá n'uma balburdia, de sorte que já não quer ser feudatario desta nossa Irmã, e illustre preopinanta, a Senhora Riqueza. Se não fosse a Regeneração tudo estava perdido!..

A Sabedoria: Mas ainda possui muitas Ilhas por esses mares; ainda tem não sei que na Asia, e na Africa...

A Riqueza: Tudo isso, minha amiga, espremido não deita sumo algum; e ainda que o deitasse, as necessidades lho chuxarião; porque no artigo = chuxadeira = estão ellas em primeiro lugar.

A Indigencia: Seja-te muito bem empregado, já que fizestes tão máo uzo dos teus thezouros. Em vês de soccorres a minha miseria vendo-me quasi espirar á fome, vendo os meus filhos de porta em porta a mendigar um mesquinho sustento, que apenas lhe entretinha as vidas, foste dissipar tudo com triumviratos de Sansculots, e com centenas de anarquistas, que por ultimo escarneo te querem empoleirar n'um Banco para servires de negaça aos incautos, ou aos mentecaptos. Que embolia!.. Que Ladroeira! apoiada! apoiada.

A Sabedoria: O' Irmans! a Aurora não tarda!.. não cuideis que é outra Aurora que não seja a da manhã... Voltai aos vossos nichos, que eu cá por mim vou daqui longe fazer visitas, mas cá deixo o meu espantallo; e se poder, á noute voltarei a ver-vos; e dezejarei que tu, ó minha Irmã, Verdade, me delates muitas couzas que da tua fiel bocca só poderei saber, como por exemplo, aquella historia do desterro do Silveira, que ninguem sabe ainda....

A Verdade: Tudo te direi; mas eu tambem não fico hoje aqui, porque tenho que indagar lá por fora....

A Indigencia: Então visto isso todas vós me abandonais hoje! pois hide que eu

fico! mas é por que estou aqui emprazada! (A este tempo o jardineiro que havia acordado, vem pé ante pé, cuidando que erão ladrões, e vendo as Estatuas a andar começa em gritos: = Aqui d'ElRei sobre as estatuas das Necessidades = As Estatuas sumirão-se; e eu impondo de estatua tãobem me fui sacudindo, mas protestando logo de voltar á noute, para ver se as Estatuas voltão, e contar ao depois o que lhes ouvir.

Tal he o mal organizado *Dialogo* que *Rodrigo* atribue (segundo nos diz quem vio os Autos) a *Alpoim*, e que o *Censor* tanto se tem esforçado em fazer acreditar como hum escripto conspirador, e terrivel. Tendo a quelle miseravel mercenario publicado muitos dos Appensos do Processo, lá se fazia suspeito a todos que elle não publicasse o tal *Dialogo*, que tão repetidamente criminava; porem elle não foi tão tolo que quizesse dar a chicotada, em si mesmo, destruindo tudo quanto havia dito com a publicação d'elle.

Nós não acreditando nunca em semelhante patranha, por que bastava o titulo de *Dialogo de Estatuas* para se conhecer a futilidade do escripto, mas presumiamos com tudo que seria huma obra prima naquelle genero, digna de rivalizar com as de *Platão* pela idéa que nos deu o tal *Semcenso*. Vai senão quando, apparece o bixo metamorfoseado em formiga, que intentando criticar as *Cortes Constituintes* lhe faz em geral hum elogio demasiado pela boca da = *Sabedoria* =

Nós para conhecer-mos a cabeça que o gerou, não precisava-mos saber que fora encontrado a *Rodrigo* de Magalhaães; por que quem tiver lido a *Aurora Pernambucana* que elle escreveu em *Pernambuco* dirá logo, pelo desalinhavo de idéas: *Isto he do Rodrigo*. Este homem sempre teve huma infeliz inclinação para esta especie de escriptos; em *Pernambuco*, compôz elle hum, entre hum Europeo, e hum Brasileiro; e intentando imprimi-lo, o mostrou a hum seu amigo que lhe disse: *Homem, não imprimas isso, ou muda-lhe o titulo pondo-lhe Dialogo entre dous insensatos!* Com effeito não o imprimio. Agora sahe-se com esta digna producção do seu engenho, que ou de proposito, ou por vergonha nega sersua, a pezar de lhe ser achada no bolso.

Ora eis-aqui a bella prova da *Conspiração!* Só o S. Paio, e Jozé da Silva Carvalho serião capazes de lhe pôr hum tal alcunha! olhem que *Conspiração!* Forte lastima.